

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

**O PILAR DA EDUCAÇÃO "APRENDER A CONVIVER", PODE SER
EXPLORADO ATRAVÉS DO TEATRO?¹
THE "LEARNING TO LIVE" EDUCATION PILLAR, CAN BE EXPLOITED
THROUGH THEATER?**

Juliana Campoy Miranda De Souza², Hedi Maria Luft³

¹ Trabalho realizado na disciplina Planejamento Participativo Como Estratégia de Apoio Pedagógico em Processos Educativos 1/2018.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul ? UNIJUI. E-mail: jcampoy77@gmail.com.

³ Professora Doutora pela UNISINOS, Professora do Departamento Humanidades e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI. E-mail: hedim@terra.com.br

Introdução

Como podemos promover práticas educativas inovadoras dentro das escolas? Os quatro pilares da educação: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” (DELORS apud MARINHO et al., 2001, p. 13), podem ser desenvolvidos através do teatro? Em especial, o pilar “aprender a conviver”, pode ser explorado através dos jogos teatrais e das montagens de espetáculos?

Enquanto formas inovadoras de promoção da aprendizagem têm sido pesquisadas por educadores ao redor do mundo, o teatro ainda não tem recebido seu merecido espaço na educação. Pior do que isso, nos últimos tempos ele tem perdido seu reconhecimento como promotor de aprendizagens. Tem ficado em último plano sendo considerado como educação não formal, e, para alguns ainda, é desvalorizado enquanto conhecimento. No entanto, sabemos que o teatro tem capacidade para retomar e deve voltar a ser explorado, mais intensamente, na educação formal.

O sistema educacional da escola, muitas vezes, tem tornando a arte teatral uma mera construtora de “teatrinhos” de datas comemorativas. Isso é retrógrado, afinal, o teatro é muito mais do que isso. Teatro é conhecimento e, como tal, merece uma disciplina na educação formal para que seja aprofundado, oferecendo todos os recursos indispensáveis para desenvolvê-lo desde o trabalho com jogos teatrais até a montagem de espetáculos.

Esse estudo surgiu da curiosidade de como desenvolver o pilar da educação “aprender a conviver” destacado no Relatório elaborado por Delors e citado por Marinho et al. (2001), através de experiências teatrais. Pretende, com isso, estabelecer a real importância do teatro na educação como promovedor de aprendizagens. E mostra a importância primordial dos valores frente aos conteúdos estruturados pela educação brasileira.

Metodologia

O estudo se caracteriza como uma sistematização de experiência que busca responder/refletir

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

sobre a seguinte pergunta: O teatro pode ajudar a trabalhar os quatro pilares da educação, mais especificamente, o pilar “aprender a conviver”?

Consideramos sistematização como um processo de reflexão sistemática que ocorre a partir de práticas sociais concretas. Como processo, acompanha as trajetórias das práticas reconstituindo-as com base num eixo temático e possibilitando o registro de acontecimentos que as delineiam, bem como os significados a elas atribuídos pelos sujeitos que as vivenciam (1997, p. 38).

Desde a educação infantil até o ensino superior, o teatro deve ser explorado, dentre outras coisas, como um recurso didático-pedagógico para ensinar os indivíduos a conviver. Tantos conteúdos têm sido priorizados no âmbito escolar, mas o aprender a conviver em sociedade tem sido pouco trabalhado, o que é desastroso para o futuro, quando vemos tantos preconceitos e tantas guerras acontecendo por incapacidade de respeitar a diversidade de opiniões. O egocentrismo e o individualismo, sentimentos negativos para uma boa convivência social, podem ser superados através das experiências teatrais e são um dos motivos pelo qual ocorrem tantos desentendimentos ao redor do mundo. Koudela defendeu a ideia de que: “Na atividade de grupo, o jogo deve ser orientado e governado por um objetivo coletivo, que auxilie a criança a superar a fase egocêntrica e o subjetivismo individualista” (1984, p. 38). Isso fará com que desde a idade escolar, a criança aprenda a conviver com seus semelhantes, respeitando ideias diferentes das suas. Através dos jogos teatrais, a criança e o adolescente já agregam princípios que vão sendo interiorizados e que serão fundamentais para suas vidas. Aprender a superar o individualismo evita sofrimentos futuros na vida dos educandos, pois pessoas individualistas podem tornar-se solitárias, já que a maioria das pessoas se afasta de indivíduos com comportamentos individualistas. Ainda afirma Reverbel: “Se as atividades oferecidas se inserem num contexto contemporâneo e social, isto é, se o aqui e o agora estimulam o aluno a ir abandonando seu egocentrismo, ele passa a relacionar-se mais com o outro e com o próprio meio” (1989, p. 59). Esse processo tende a evitar problemas futuros aos educandos.

As resoluções de situações-problema, muitas vezes trabalhadas somente através da área das exatas, em especial através da matemática, podem ser desenvolvidas durante os processos teatrais. Segundo Koudela: “Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados” (1984, p. 43). Durante as aulas em que os jogos teatrais são explorados, o educando vai aprendendo a ter iniciativa para resolver problemas e isso vai se tornando natural na medida em que é desenvolvido a cada encontro.

A superproteção de algumas famílias tem atrapalhado o processo dos educandos de aprender a solucionar problemas cotidianos, mas isso é fundamental na formação de um ser humano integral. Quando a superproteção é dada pela família desde a infância, geralmente causa danos irreparáveis na vida do educando ao chegar à vida adulta. A família precisa ter consciência de que não será presente a vida toda para uma criança ou adolescente, aprendendo a dizer não às crianças desde a mais tenra infância para que se tornem cidadãos capazes de conviver com o mundo que as cerca. Quando um indivíduo chega à fase adulta sem ter aprendido que não está sempre com a razão, vive idealizando que o problema está sempre nos outros sem dar-se conta de que o real problema é mudar a si mesmo.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Mesmo o teatro não podendo substituir a aprendizagem constituída na educação familiar, pode dar sua contribuição para a mudança de alguns comportamentos não adequados a convivência em sociedade. Na escola, o educando precisa deixar o egocentrismo de lado, aprendendo a conviver com os semelhantes. Para aprender a conviver e para uma aprendizagem efetiva no ambiente escolar, é preciso que haja liberdade. Uma educação libertadora abre caminho para cidadãos bem resolvidos e livres, que trabalham a criatividade em todo seu potencial transformador. A educação libertadora não pode dar espaço para o autoritarismo, pois ele fere e acaba com qualquer possibilidade do educando de ir além das expectativas. É contraditório que um professor seja ditador em sala de aula, pois sem troca de ideias, respeito e carinho a aprendizagem não acontece. De acordo com Reverbel: “Quando é criado um clima de liberdade em sala de aula, o aluno expressa seus sentimentos e sensações sem medo de censura” (1989, p. 20). A liberdade faz com que a criança e o adolescente expressem, trabalhem e superem traumas que poderiam prejudicar a fase adulta. A expressão do educando e a troca entre ele, o professor e seus colegas faz com que ele se descubra enquanto ser humano e aprenda a respeitar o ser humano que há em seus colegas. Como afirma Spolin:

A oficina teatral pode conceder liberdade pessoal e igualdade. Quando um indivíduo de qualquer idade reconhece que está prestando uma real contribuição a um projeto, sem autoritarismo, ele se torna livre para desenvolver seu humanismo e para se relacionar com os que o cercam (1998, p. 251).

Isso é significativo para educandos que não têm bons exemplos a serem seguidos em suas casas, bem como para aqueles afogados em conflitos internos. Quando se percebem atores e recebem elogios de professores, familiares ou amigos, descobrindo que podem mais do que tudo aquilo que imaginavam, o comportamento deles é modificado e o relacionamento com seus semelhantes se torna mais humanizado. O teatro jamais passa despercebido pela vida de um indivíduo que aprofundou sua experiência a esse ponto.

Aprender a falar em público é algo significativo para o exercício de qualquer profissão, não apenas para quem almeja seguir carreira como artista. Muitos adolescentes chegam ao final do ensino médio com medo de falar publicamente e sem nunca ter tido qualquer experiência com o teatro, o que é ruim, pois alguns têm vergonha até mesmo de apresentar um trabalho em sala de aula. Como farão para superar esse medo quando chegarem ao ensino superior? Por isso, é melhor que aprendam a falar em público o quanto antes. O medo de se expor se torna ainda mais dominador conforme os anos forem passando. E a experiência com o teatro não passa pela vida das pessoas sem atribuir algum significado, pois é fundamental para ajudar a adquirir segurança ao se expor diante do público.

O teatro estimula a criatividade e a formação de líderes, pois quando o educando aprende a se comunicar ele também desenvolve a iniciativa. Isso é positivo, pois já vai ensinando o educando a tornar-se um líder na fase adulta. Muitos deles jamais aprenderiam a liderar na idade escolar e até mesmo na vida adulta, se não tivessem passado pelas experiências teatrais. E, infelizmente, alguns adultos jamais chegarão a tornarem-se líderes por nunca terem potencializado suas qualidades através do teatro.

Quando há uma liderança dentro de um grupo de teatro, o diretor deve desenvolvê-la

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

prioritariamente para que comportamentos sejam modificados e conflitos sejam superados. Depois de desenvolver a liderança individualmente, ela precisa ser compartilhada para que todos se sintam livres para criar e expressar suas opiniões. Portanto, em um grupo teatral, é ruim que apenas uma pessoa lidere. O ideal é que todos tenham a mesma oportunidade. Afirmar Reverbel que:

Todas as atividades de expressão são realizadas em grupo, considerando-se que, através da expressão coletiva, o aluno adquire uma dimensão social. No grupo são discutidas as ideias de todos os membros, surgindo, nesse momento, os líderes. No entanto, para evitar que a liderança seja exercida sobre os mais tímidos, deve haver um rodízio que dê oportunidade a todos de conduzir o grupo de companheiros (1989, p. 162-163).

Um grupo de teatro é um treino para os conflitos da vida adulta. Uma preparação para a resolução de problemas que o adulto enfrentará em seu cotidiano na vida pessoal e profissional. Aprendendo a conviver, o educando aprende também a respeitar a diversidade de opiniões e as diferenças de raça, classe social, credo etc, não simplesmente excluindo de seu convívio as pessoas que pensam diferente dele. O educando se conscientiza de que pode ser amigo de toda a pessoa que tenha a opinião completamente diferente da sua, sem que deixem de se relacionar por esse motivo, pois Reverbel defende que:

A adaptação da criança ao grupo com o qual irá conviver é da maior importância. As atividades de relacionamento favorecem o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Vivenciando as atividades propostas, a criança perceberá que pode agir de uma forma e um companheiro, de outra, sem que nenhum dos dois esteja certo ou errado. Apenas expressam-se de formas diferentes (2010, p. 25).

Durante as aplicações dos jogos teatrais, é necessário que o professor atente ao fato de não permitir que os educandos criem grupos fechados e excludentes, pois eles podem comprometer todo o processo criativo. Evitando esse comportamento desde o início, o educador está evitando futuros problemas que podem tornar-se insustentáveis e nocivos a todos os participantes. A esse respeito, afirma Spolin: “Todos os exercícios são feitos com times escolhidos aleatoriamente. Os alunos devem aprender a se relacionar com todos” (1998, p. 27). Ao relacionar-se com colegas que nunca conviveu, o educando se abre para novas amizades e aprendizagens, chegando ao final do processo satisfeito com os amigos e as novas descobertas que fez.

Ao final do processo, o participante descobre que precisa das pessoas e que essas precisam dele. Aceita que não pode viver só e que somente a união produz mudanças efetivas na sociedade. De acordo com Boal: “A pessoa só, é vulnerável: devemos ajudar nossos parceiros a se organizarem em grupos e com grupos que sofrem opressões semelhantes” (2008, p. 186). Ao ouvir as opressões do próximo, o ser humano é capaz de se compadecer dele e de construir um sentimento de empatia, colocando-se no lugar do outro e percebendo-se também como portador de opressões semelhantes. Ainda afirma Boal que:

Em uma sessão do Teatro do Oprimido em que os participantes pertençam ao mesmo grupo social (estudantes de uma mesma escola, moradores de um mesmo bairro, operários de uma mesma

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

fábrica etc.) e sejam submetidos às mesmas opressões (em relação à escola, ao bairro ou à fábrica), o relato individual de uma pessoa se pluralizará imediatamente: a opressão de um deles é a opressão de todos. A particularidade de cada caso individual é negligenciável diante de sua similaridade com todos os outros. Assim, durante a sessão, a sim-patia será imediata. Estaremos todos falando de nós mesmos (1996, p. 58).

O Teatro do Oprimido, de Boal, é um dos maiores exemplos de compartilhamento de experiências e de lutas construídas coletivamente durante processos teatrais. Quando os atores retomam para si a palavra e expressam suas opressões, aprendem a ficar mais próximos uns dos outros e a se compreenderem melhor. O Teatro do Oprimido é o teatro da libertação dos conflitos. Conforme declara Boal:

O Teatro do Oprimido é o teatro da primeira pessoa do plural. É absolutamente preciso começar pelo relato individual, mas, se ele mesmo não se pluralizar por si só, torna-se necessário ultrapassá-lo por meio da indução analógica, para que possa ser estudado por todos os participantes (1996, p. 58).

Portanto, as experiências mostram que é impossível fazer teatro sem a união de grupo. Mesmo quando o ator fizer um monólogo, ele no mínimo precisa da parceria de um diretor, um iluminador e um sonoplasta. E sem colaboração grupal, nem um monólogo conseguirá se desenvolver adequadamente.

Resultados e Discussão

Durante as oficinas de teatro, as interações em grupo vão tornando-se prazerosas aos educandos. Aprendem a conviver com tanta fluência, que internalizam comportamentos positivos para enfrentar o mundo em que vivem. Estarão se divertindo e construindo valores. Spolin relata que: “A experiência teatral, como a brincadeira, é uma experiência grupal que permite a alunos com capacidades diferentes expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e criatividades individuais” (1998, p. 251). Portanto, apesar da vivência ser em grupo, a experiência é individual e insubstituível.

É impossível conceber a ideia de vivermos sozinhos no mundo. Muitas crianças e adolescentes têm aprendido a estar sempre sozinhos e a se satisfazer com isso, mas chegam à fase adulta com inúmeros conflitos internos e de relacionamento, simplesmente porque o ser humano não foi criado para viver na solidão. Pior ainda, Boal mostra que:

A solidão é alucinógena. Nos exercícios e jogos rítmicos, com a participação de mais de uma pessoa, cria-se uma estrutura social, sedimenta-se o grupo. Para poder jogar este jogo é necessário o diálogo, é preciso olhar no rosto uns dos outros, solidariedade, convivência (2008, p. 231).

Diante disso, percebemos que mais do que nunca, a sociedade precisa do teatro para se desenvolver humanamente. As crianças e adolescentes pedem socorro sem se darem conta conscientemente. Os jovens precisam do contato humano para ser melhores do que foi a nossa geração.

Sobre as lideranças, ainda, seria possível dar inúmeros exemplos práticos de líderes autoritários,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

relatando os resultados desastrosos de suas lideranças negativas na vida e na saúde mental das pessoas lideradas por eles. Muitos líderes tornam-se verdadeiros opressores, pois não aprenderam o que é liderar corretamente. Diante disso, o teatro é fundamental para auxiliar no desenvolvimento de líderes saudáveis e desprovidos de autoritarismo. Spolin completa que: Um relacionamento de grupo saudável exige um número de indivíduos trabalhando interdependentemente para completar um projeto, com total participação individual e contribuição pessoal. Se uma pessoa domina, os outros membros tem pouco crescimento ou prazer na atividade, não existe um verdadeiro relacionamento de grupo (1998, p. 8).

Juntos, o potencial que cada um já tem individualmente pode ser grandioso. O teatro se estabelece como um instrumento poderoso de transformação social. É impossível fazer teatro sem um grupo unido, bem como é impossível fazer uma sociedade justa e igualitária sem a participação de todos os cidadãos.

Conclusão

É necessário que os governantes passem a valorizar a arte teatral como prioridade a ser implantada dentro das escolas. O teatro precisa tornar-se uma política pública capaz de promover benefícios sociais como, por exemplo, a geração de renda, a diminuição das desigualdades sociais e de miséria nas condições humanas, tornando o ser humano forte para reagir às intempéries sociais e para reconstruir os sonhos que as dificuldades da vida abortaram dele. Aprendendo a conviver socialmente, o ser humano pode debater e superar os problemas seus e de seus semelhantes, colaborando na formação de cidadãos participantes ativamente na construção de uma sociedade justa e igualitária. O pilar da educação “aprender a conviver” deve ser trabalhado no âmbito educacional e segundo Marinho et al. (2007):

Aprender a viver com os outros – esse é o maior desafio da educação hoje. Ao longo do século XX, a humanidade teve sua passagem marcada pela autodestruição, tornando-se expectadora impotente e, ao mesmo tempo, assídua dos conflitos. Nesse contexto, encontramos a concorrência nos campos econômico (pobres e ricos) e educacional (escolas públicas e particulares), bem como nos grupos étnicos, culturais, sociais e religiosos. A educação deveria ser a grande mobilizadora para evitar tais conflitos, mas torna-se incapaz disso, mesmo promovendo o desenvolvimento da ciência, da cultura e até mesmo programas sociais para controlar e combater a violência em sua forma mais ampla, em projetos comuns, os quais podem “constituir uma referência para a vida futura na busca de possíveis soluções ou para amenizar os conflitos existentes e talvez para aprendermos a viver uns com os outros (p. 15).

Concluimos que o teatro é mais do que uma arte meramente contemplativa. Através dele é possível ajudar na transformação da realidade. É inadmissível perder a esperança e deixar de acreditar nos seres humanos, pois seria o mesmo do que aceitar a própria morte passivamente. O teatro pode mudar histórias de vida.

Apesar de todas as retaliações e dificuldades que o teatro tem enfrentado, ele está vivo e pulsa

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

nas entranhas de artistas e sonhadores que acreditam em um mundo melhor. O teatro é vivo e é vida. Ele ainda não foi contaminado com o veneno da desmotivação e da descrença social. Este estudo permanece inconcluso, com uma busca incessante de novas descobertas e aprendizagens. O ser humano nunca pode deixar de aprender, pois sempre tem coisas novas a acrescentar em sua existência. Ingênuo é o professor que acredita estar pronto após ter conquistado um diploma. Na existência humana, enquanto tivermos vida estaremos sempre em processo de aprender.

Referências:

- BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2008.
- BOAL, Augusto. O Arco-Íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização: potenciando práticas sociais. Rio Grande do Sul: Editora UNIJUI, 1997.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- MARINHO, Hermínia Regina Bugeste, et al. Pedagogia do movimento - universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: Editora Ibipex, 2007.
- REVERBEL, Olga Garcia. Jogos Teatrais na Escola - Atividades Globais de Expressão. São Paulo: Editora Scipione, 2010.
- REVERBEL, Olga Garcia. Um Caminho do Teatro na Escola. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.